

# Agora, só um líder salvará o Centrão

## BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

"Excessos ideológicos" dos deputados Amaral Netto, José Lourenço e Bonifácio de Andrada, a aproximação com o governo Sarney e a defesa do presidencialismo com cinco anos de mandato, a feira de trocas de favores defendidas por José Lourenço que culminaram na frase do deputado Roberto Cardoso Alves, "é dando que se recebe". Também interesses pessoais contrariados e "a ciumeira generalizada devido às múltiplas lideranças". Estas são algumas explicações dos parlamentares para a implosão do Centrão, atualmente à deriva, esperando um comandante que possa salvá-lo, como é o caso da tentativa de colocar na liderança o senador Jarbas Passarinho.

O Centrão nasceu fundamentalmente com um objetivo: reformar o regimento interno da Constituinte. Apesar de admitir a "crise interna" do grupo, o vice-líder do PFL, deputado Inocêncio de Oliveira, garante que o Centrão foi fundamental nos destinos da Constituinte, "permitindo a solução democrática e o predomínio da maioria". Estes foram os princípios básicos que uniram representantes do Centro Democrático do PMDB, modernos e antigos do PFL, além do PDC, evangélicos e PDS, que conseguiram dar força ao Centrão no final de novembro.

Os líderes mais ativos no começo foram Amaral Netto, do PDS, José Lourenço, do PFL e Afif Domingos, do PL, tendo o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ) como o encarregado dos números, computadores e da busca das assinaturas de adesões. "Houve um compromisso para que o sistema de governo e a duração do mandato do presidente Sarney permanecessem como questão aberta, sem definição oficial do Centrão", lembra Afif Domingos, lamentando a quebra posterior do pacto, quando líderes do grupo passaram a exaltar Sarney, defendendo o presidencialismo com cinco anos.

"Muitos parlamentaristas ou outros favoráveis ao mandato de quatro anos reagiram à aproximação com o Planalto, começando então o racha do Centrão", desabafa Afif. Delfim Netto (PDS-SP) tem a mesma opinião: "Não é verdade que estou deixando o Centrão, protesto é contra os que falam em nome do grupo defendendo cinco anos e o presidencialismo, temas excluídos e sobre os quais não admito discussão".

### DOIS CENTRÕES

Os problemas do Centrão começaram logo depois da sua consolidação, com a vitória da reforma do regimento interno da Constituinte. Alguns de seus membros reconhecem agora que o grupo não tinha nenhum tema mais que os unisse totalmente. Vieram as discussões, as brigas pela liderança, algumas de caráter regional, como Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) e Afif Domingos (PL-SP), José Lourenço (PFL-BA) e Eraldo Tinoco (PFL-BA), Marcos Lima (PMDB-MG) e José Geraldo (PMDB-MG).

Surgiram então as divisões como Centrão Heavy-Metal, com a filosofia do "toma lá dá cá" e do "é dando que se recebe", seguida por Roberto Cardoso Alves, José Lourenço e Amaral Netto. Contra o Centrão Light de Afif e José Geraldo. Estes pregavam uma reação às chantagens como as do deputado Joaquim Bevilacqua (PTB-SP), que nas votações importantes exigia um avião para buscá-lo onde estivesse.

Tudo culminou no desabafo do deputado Daso Coimbra — depois desmentido em parte —, criticando as exigências absurdas de alguns

membros do Centrão, que ele teria gravado em computador, mas afirmando, "se revelar o que sei, serei um homem morto". Para Inocêncio Oliveira, o episódio foi "profundamente negativo". Já o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), acha que, para sobreviverem, os líderes do Centrão precisam conter-se, "pois já falaram muita besteira".

Enquanto isso, alguns representantes do importante grupo dos — Evangélicos — ameaçavam deixar o Centrão, inconformados por não receberem as vantagens pretendidas da feira de troca de favores, como concessões de emissoras de rádio, insistindo ainda na defesa do mandato de cinco anos para Sarney.

### NOVAS DESERÇÕES

Já temendo o naufrágio do Centrão e desgastado na luta para manter sua liderança, principalmente devido a atritos com Roberto Cardoso Alves, o deputado Expedito Machado abandonou o barco e foi reorganizar o Centro Democrático do PMDB, junto com Marcos Lima. Outros ficaram divididos, com um pé no Centro e outro no Centrão, à espera dos acontecimentos.

Logo haverá uma redivisão de poder dentro do PMDB, com a disputa por lugares no Diretório Nacional, na Comissão Executiva, de líder e vice-líderes, de presidentes e vice-presidentes das comissões técnicas na Câmara e Senado. Muitos moderados temem que, integrando o Centrão, tão combatido pelas esquerdas e sindicatos, possam sofrer desgaste e acabar preteridos na hora da briga pelos cargos no partido.

Os famosos cartazes da CUT, espalhados pelas principais capitais do País, com fotos de membros do Centrão colocados como "traidores do povo", também assustaram muita gente, que ficou com medo de um futuro desastre eleitoral. O episódio ajudou a volta de alguns moderados do PMDB ao Centro Democrático do partido.

### A DIFÍCIL UNIDADE

Na sexta-feira à noite, coordenadores e alguns integrantes do Centrão ainda tentavam evitar o naufrágio, em reunião no apartamento do deputado Ricardo Flóza. Ninguém admitiu o racha do grupo, mas uma ausência notada foi a do líder do PFL, José Lourenço, que não foi convidado.

Eles discutiram modificações no esquema de mobilização, querendo distribuir cada grupo de dez parlamentares sob responsabilidades de um coordenador. Mas também nisso persistiu o impasse, com alguns defendendo o antigo método, com o coordenador Daso Coimbra telefonando e telegrafando, para a convocação de todos.

Outra esperança do Centrão seria dar a liderança ao experiente senador Jarbas Passarinho, que, entretanto, já afirmou que só aceita "se tiver carta branca". Ele é contra as lideranças múltiplas "que não funcionam", fazendo também outras restrições, porque não participou inicialmente da elaboração das propostas do grupo. "O meu seria o Neo-Centrão", adverte o senador.

Esta tentativa de unir todas as correntes sob a liderança única de Jarbas Passarinho já está em perigo. Roberto Cardoso Alves, um dos principais coordenadores do grupo, disse que não acredita que a escolha do senador para líder no planalto seja a solução para garantir a unidade do Centrão. "Ele poderá liderar o PDS e o PFL, mas no Centrão será apenas um dos coordenadores, não o coordenador", ameaça Cardoso Alves. Enquanto isso, o Centrão continua à deriva.